

O racismo no conto “Negrinha” (1920), de Monteiro Lobato

*Francisco das Chagas Souza Costa (UERN)**

<https://orcid.org/0000-0001-8476-8014>

Resumo:

O trabalho científico ora desenvolvido insere-se numa discussão acerca da presença da ideologia racista na literatura do escritor Monteiro Lobato. De maneira mais específica, será analisada a existência de um pensamento racista na obra “Negrinha” (1920) do referido autor. Nessa lógica, o presente artigo desenvolve-se com a intenção de revelar indícios de racismo na obra supracitada a partir de elementos linguísticos, históricos, sociológicos e ideológicos existentes nesse texto literário. Para tal intento, optou-se por uma pesquisa bibliográfica a fim de buscar um respaldo teórico e crítico na abordagem da aludida temática. Autores como Lopes (2008), Coutinho (2004), Silva (1987), entre outros, serviram como fundamento para o desenrolar desse conjunto de ideias. Como se analisa a maneira pela qual a figura do negro é construída no pensamento de Lobato em uma conjuntura mais ampla da ideologia racial brasileira, o presente material teórico tem sua relevância ao pôr em debate questões cruciais que implicam diretamente na sociedade do país.

Palavras-chave: Literatura, Lobato e Racismo.

Abstract:

Racism in tale “scaup” (1920), by Monteiro Lobato

The scientific work developed here is part of a discussion about the presence of racist ideology in the literature of the writer Monteiro Lobato. More specifically, the existence of a racist thought in the author’s work “Negrinha” (1920) will be analyzed. In this logic, the present article is developed with the intention of revealing evidence of racism in the work mentioned above from linguistic, historical, sociological and ideological elements in this literary text. For such an attempt, a bibliographical research was chosen in order to search for a theoretical and critical support in the approach to this theme. Authors such as Lopes (2008), Coutinho (2004), Silva (1987), among others, served as basis for the development of this set of ideas. As it is analyzed the

* Mestre em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5605893865012523>. E-mail: fchagas2009@gmail.com

way in which the black figure is constructed in the thought of Lobato in a wider context of the Brazilian racial ideology, the present theoretical construction has its relevance when putting in debate questions so crucial and that imply directly in the society of the country.

Keywords: Literature, Lobato and Racism.

Introdução

O convívio social sempre se pautou nas relações de poder nas quais grupos se colocaram em relação de superioridade perante os outros. Critérios como poder aquisitivo (classe social) e/ou raça foram e ainda são usados ideologicamente para se estabelecer diferenças que põem os seres humanos em situação desigual, o que gera discriminação. Neste contexto, a questão do racismo precisa ser discutida e analisada não com uma ótica simplista. É oportuno investigar as razões, as origens e os reflexos desse fenômeno na sociedade.

Nessa ampla discussão, percebe-se a presença inequívoca do racismo também na literatura, já que os autores são, sem dúvida, homens do seu tempo e, por isso, influenciam e são influenciados pelas ideias presentes no mundo. Com isso, pretende-se apresentar pensamentos e opiniões acerca do racismo na literatura tendo como foco a obra do escritor Monteiro Lobato “Negrinha” (1920). É óbvio que se está ciente do campo “minado” e cheio de celeumas que se adentra quando é proposto discutir um tema tão polêmico e atual como o racismo e a sua existência, mesmo velada, no texto literário. Entende-se também que as controvérsias são salutares para o desenvolvimento da crítica literária, pois novas postulações e/ou teorias surgem do embate de ideias e das divergências de pensamento.

Assim, o que se intenta nesse trabalho não é simplesmente afirmar que o escritor supracitado é racista, mas apresentar uma discussão mais abrangente e significativa

dessa realidade (racismo) e mostrar que o mundo da literatura pode ser um instrumento de disseminação subentendida ou até mesmo explícita de ideologias, a exemplo da racista. Nessa conjuntura, pretende-se expor e analisar aspectos como: o contexto socio-histórico na formação do racismo e sua relação com a literatura; a ideologia racista subjacente presente na época literária do escritor Monteiro Lobato e o conto “Negrinha” (1920) com seus indícios de um pensamento racista.

Na construção dessas ideias, usa-se como fundamento o próprio texto literário, isto é, o conto “Negrinha” (1920) com seu constituinte linguístico e suas implicações históricas, sociais, culturais e ideológicas. Somado a isso, serão apresentadas ideias e postulações de teóricos como Cascudo (2002), Silva (1987), Oliveira (2003), Pietri (2009), Parreiras (2009), entre outros, acerca do racismo e da presença da figura do negro na literatura. Nessa empreitada, são reconhecidos o valor e a importância de uma discussão a respeito da realidade social na qual a questão do preconceito contra o negro é um fato presente e tem implicações históricas, culturais e ideológicas. Assim, a literatura que pode estabelecer um diálogo com a sociedade não poderia deixar de refletir tal realidade. É por isso que é conveniente ser ousado e tentar trazer à tona questões que envolvem a minoria discriminada, afinal fazer crítica literária também é revelar os preconceitos e as hipocrisias que inevitavelmente resvalam na literatura.

De outro modo, corre-se o risco de se fazer crítica literária como se a literatura fosse apenas algo mágico e que, nesse sentido, não seria influenciada nem influenciaria as práticas e a realidade social. Discordar de teóricos que postulam uma literatura alienada e omissa parece ser o primeiro passo para fazer uma discussão literária como algo mais pragmático e que tenha alguma serventia para a sociedade. Chega-se, o instante, portanto, de “pôr o preto no branco”.

O contexto socio-histórico na formação do racismo e os reflexos na literatura

Na história da humanidade, instauraram-se processos de colonização em diversas regiões do planeta, como no Continente Americano (Novo Mundo), no qual milhões de seres humanos foram trazidos contra a vontade do Continente Africano e submetidos ao trabalho escravo. A escravidão dos negros africanos constituiu-se, desse modo, um fato marcante que, sem dúvida, gerou consequências na formação da sociedade, da cultura e da ideologia dominante em muitos países que foram colonizados, como é o caso do Brasil.

Parece inquestionável o fato de que o homem branco europeu já tinha, em sua constituição ideológica, o pensamento de que a diferença racial seria determinante para a constatação da superioridade de uma raça em relação à outra. Não é à toa que, no período da escravidão no Brasil, o negro não tinha status de ser humano como as pessoas de pele branca. Os pretos, como também podiam ser denominados, eram vistos e tratados semelhante a animais, sujeitos aos piores castigos e até mesmo serem vendidos ou trocados, isto é, equiparavam-se a mercadorias. Essa realidade histórica, se vista

sob a ótica contemporânea, é considerada um absurdo, mas serve como fundamento para tentar explicar a formação de uma sociedade que até hoje guarda resquícios desse passado e que reflete na ideologia racista, a qual separa brancos de negros como se os primeiros pertencessem a uma “classe superior” pelo simples fato da cor da pele. O passado, portanto, tem muito a nos dizer sobre o que na atualidade se debate incessantemente: o racismo.

A prática racista traz subjacente o pressuposto de dominação daqueles de pele branca sobre os de pele negra, fato que ocorreu durante o período da escravidão, mas também não deixou de acontecer na fase em que os grilhões do povo cativo africano foram rompidos, no Brasil, com a famosa e simbólica Lei Áurea. Após séculos do horror da escravidão, o período a partir do qual os negros africanos tornaram-se livres trouxe a falsa ilusão de um novo momento de revolução, em que haveria maior igualdade e harmonia social. Na verdade, o contexto do fim da escravidão no Brasil tem subjacente o jogo de interesses políticos da Monarquia decadente em contraponto aos ricos fazendeiros escravistas. Infelizmente, a história brasileira é repleta de hipocrisias e, como sempre, os dominantes conseguem ludibriar a massa de dominados.

Desse modo, o processo que culminou com a abolição da escravatura não foi resultado de mudanças ideológicas dos poderosos da época que de repente reconheceram a raça negra como raça humana e, portanto, não inferior aos brancos. O preconceito racial estava, dessa maneira, longe de chegar ao fim com a simples decretação de uma lei. Na mente da classe dominante do período pós-escravidão, continuava firme a ideia de que “preto” não poderia ser igual a “branco”. O racismo com essa raiz histórica desenvol-

veu-se como um projeto no qual se queria construir uma nação brasileira em que o negro fosse sempre posto numa situação de inferioridade e com pouquíssimas oportunidades de ascender socialmente. É justamente como afirma Nei Lopes (2008, p.22): “Desde a abolição, a elite se empenhava em construir a nação que sempre pretendeu. Nela, a cultura africana e mesmo a presença negra eram indesejadas”.

Nessa eterna luta de classes, a elite branca não mediu esforços para disseminar sua ideologia racista. O pensamento era impedir o avanço da cultura e do status do negro na sociedade. Assim, limitou-se o acesso à aprendizagem e a trabalhos mais técnicos. O negro ficaria restrito ao trabalho braçal, em que a força é mais importante que o intelecto. Na visão ideológica racista, manter o negro numa condição social de inferioridade e de submissão era a forma de ratificar a antiga ideia de superioridade da raça branca. Nesse mesmo contexto, a elite teve um projeto de “embranquecimento” da população brasileira. O plano era promover entrada de europeus no Brasil e, aos poucos, atingir o “branqueamento da sociedade”.

Entende-se que o pensamento racista no Brasil precede a abolição, mas foi após o fim da escravatura que a elite social, política e intelectual brasileira se engaja num projeto cujo objetivo é “sufocar” o desenvolvimento cultural e social da raça negra. Tudo foi premeditado e planejado para que o negro não tivesse, como se diz popularmente, “seu lugar ao sol”.

Em meio a essa conjuntura, onde estaria o papel da Literatura? Será que a Literatura não poderia influenciar e/ou ser influenciada no tocante à questão do racismo na sociedade brasileira? Antes de tudo, é preciso reconhecer que a literatura é feita mediante as relações sociais. Diante disso, não seria exa-

gero reconhecer que a literatura pode servir como instrumento de disseminação de ideologias, cumprindo, assim, uma função social. Esse entendimento vem na contra-mão daqueles que postulam uma literatura desprovida de qualquer engajamento ou influência na sociedade. Em outras palavras, para alguns a literatura não “tocaria” nem discutiria a dura realidade social ao longo dos tempos e assim se resumiria à fantasia e palavras bonitas.

Nessa lógica, é salutar reconhecer que o texto literário é constituído essencialmente por uma linguagem peculiar e diferenciada do uso comum, mas também é capaz de expressar assuntos diversos que estão presentes na sociedade. Portanto, a literatura pode ter serventia social. Na questão do racismo, pode-se perceber que escritores brasileiros, em épocas diferentes, lançaram olhares sobre a forma como o negro estava inserido na sociedade brasileira. Tomando emprestadas as palavras de Silva (1987, p.63), pode-se dizer: “Isto quer dizer que nem os nossos escritores conseguiram salvar-se e imunizar-se das tretas e das nefastas estratégias impostas pelo colonialismo cultural, em suas várias etapas de dominação histórica”.

Em um breve percurso sobre a literatura produzida no Brasil, é possível encontrar escritores que trazem à tona a questão da realidade da raça negra, do escravismo e da formação do que mais tarde vem a ser chamado de racismo. No período classicamente denominado de Romantismo, tem-se a figura emblemática e polêmica de Castro Alves, conhecido também como “poeta dos escravos”. O referido poeta é prova inconteste da existência de escritores que não hesitaram em denunciar as mazelas ocorridas na sociedade. Com tom retórico, ele foi um escritor que denunciou e criticou as crueldades sofridas pelo povo africano. Con-

seguiu, por meio da literatura, engajar-se numa luta contra a escravidão, tornando-se, desse modo, um símbolo na defesa da liberdade dos negros. Quanto a esses fatos, Silva (1987, p.64) comenta:

Realmente, nunca houve omissão de nossos escritores, cientistas sociais ou outros intelectuais, no que diz respeito aos aspectos negativos do país, narrando, descrevendo, analisando ou denunciando as nossas misérias, que existem a partir da falsa ética de nossas elites... facilmente detectáveis nos nossos mocambos, cortiços, pardieiros, nas nossas horríveis favelas e nos horrendos maus-tratos ocorridos durante a escravidão, trágico e melancólico cenário onde só raríssimas vezes o negro foi valorizado pelos intelectuais, assim mesmo dentro daquela ótica retórico e liberal-humanitária muito ampla, como no exemplo que emerge dos versos românticos do poeta Castro Alves, distinguindo ao seu famoso autor a clássica honraria de ser chamado o 'poeta dos escravos', versão que, entretanto, não impede de estar sujeito a renovadas análises...

Ainda no tocante a escritores brasileiros e suas relações com a questão racial, tem-se o poeta simbolista Cruz e Sousa. Esse escritor, de raízes africanas, que poderia ser um representante na defesa da sua cor no sentido de mostrar que o tom da pele não faz um ser humano inferior a outro, parece negar a si mesmo ao ressaltar a cor branca em seus poemas. Cruz e Sousa é um indicativo de que o racismo em épocas passadas foi tão veemente que o próprio negro tinha inserido em sua mente o pensamento de que sua cor de pele o colocava em posição inferior no tocante às pessoas de pele branca.

O plano da elite de restringir as condições sociais e até de autoestima dos negros foi cumprido à risca. Sendo assim, o que esperar dos intelectuais e escritores que viveram a época da escravidão e/ou da pós-escravidão? Pode-se dizer que alguns tenham

sido omissos e/ou coniventes com a realidade de seu tempo e, assim, se abstiveram de polêmicas a respeito da questão racial. Poucos tiveram uma postura engajada como o "poeta dos escravos", apesar das possíveis ressalvas. O que parece mais comum é a presença de escritores, que por fazerem parte de um grupo social de elite, transmitiram, mesmo de modo subentendido, os anseios da classe dominante. Portanto, afirmar que a literatura brasileira é isenta de racismos é, no mínimo, uma atitude hipócrita ou reflete a pouca consciência crítica. Acerca disso tudo, Silva (1987, p. 63) traz o seguinte subsídio:

[...] nenhuma estranheza poderia causar o fato de se encontrar a Literatura Brasileira amplamente habitada de racismo, fenômeno que se efetiva, dependendo, naturalmente, do maior ou menor grau de influência racista recebida, ou seja, do comprometimento ou da cumplicidade histórico-ideológica de cada intelectual. Isto quer dizer que estão todos sujeitos, por bem-intencionados que estejam no que pensam, falam, planejam ou escrevem, a uma série de influências racistas, evidentemente reflexas do seu próprio ambiente social e político, sempre poluído de racismo, do qual derivam as barreiras que reduzem ou limitam suas ações ou reações.

Compreende-se que a constituição da ideologia racista cujas raízes históricas são patentes influenciou de modo determinante a produção literária de certos escritores. A literatura não pôde escapar das ideias disseminadas pela elite que de certa maneira patrocinava o fazer literário. Assim, pode-se deduzir que o racismo foi um componente presente na realidade social brasileira e teve na literatura (mídia do passado) um instrumento muito mais de preservação dos interesses da elite do que um elemento que propusesse uma revolução no que se refere à igualdade de condições das raças. Além do

mais, é preciso reconhecer que “quase sempre, simularam o racismo, que é um intrínseco componente da cultura colonialista” (Silva, 1987, p.65). A literatura como possibilidade de refletir a sociedade reproduziu ideologias a exemplo do racismo. O que resta é não cometer os mesmos erros do passado no sentido de preferir esquecer o assunto como se nada tivesse acontecido. Os fatos do presente têm muita relação com práticas feitas em tempos distantes. Discutir e analisar tudo isso sob a ótica do texto literário parece ser tempestivo, não obstante alguns possam pensar que seja uma atitude inócua ou inoportuna.

O Pré-modernismo, Monteiro Lobato e a ideologia racista

A tradição constitui-se no hábito de querer separar os momentos históricos e/ou literários em categorias bem delimitadas com datas, características e fatos marcantes. No tocante à literatura propriamente dita, convencionou-se ao estabelecimento de Escolas Literárias, talvez uma forma de sistematizar os diversos instantes em que autores produziram Literatura, envolvidos pelos seus contextos sociais, culturais, políticos e ideológicos. Na Literatura brasileira, são diversas as fases literárias que refletem estilos e épocas distintas. Na decorrência do famoso “descobrimento do Brasil”, seguiu-se as maneiras de se fazer Literatura. O Barroco pode ser considerado a primeira Escola Literária de destaque. Em seguida, surgiu uma série de “ismos”: Arcadismo, Romantismo, Realismo/Naturalismo, Simbolismo e Parnasianismo. Diante dessas diversas categorias literárias, formou-se um momento literário de transição que convencionalmente não se ousou chamar de Escola Literária: o Pré-modernismo. Essa época literária reflete um

período de mudanças sociais experimentadas nas duas primeiras décadas do século XX. Na verdade, esse instante da literatura não representou de fato uma ruptura com o passado, mas já indicava uma visão mais ampla acerca das questões políticas e sociais do Brasil. No tocante a isso tudo, Coutinho (2004, p.617-618) traz um comentário:

O Pré-modernismo, como o nome indica, é a fase que precedeu, de modo imediato, a revolução modernista. Caracteriza-se precisamente, por ser uma fase conservadora, mais ou menos apática, mas em que alguns grandes valores individuais aparecem, sem que um movimento coletivo se delineie, e continuando, em geral, a orientação impressa pelas gerações anteriores. O Simbolismo continuava. Como continuava o Parnasianismo. Como continuava o Realismo. Do ponto de vista que aqui interessa, o das tendências à primazia da vida interior sobre as influências externas, o movimento de renascença espiritual, provocado pelo Simbolismo, não sofreu solução de continuidade, embora dele não participassem os grandes nomes de prosadores, ou mesmo de poetas surgidos durante esse período inicial do século XX, um Euclides da Cunha um Lima Barreto um Afrânio Peixoto um Hermes Fontes um Martins Fontes. Todos eles, ao contrário, se integraram ou na poética parnasiana ou na corrente naturalista, em sentido lato, ora nitidamente libertária como Lima Barreto...

Assim, as duas décadas que antecederam a famosa Semana de Arte Moderna de 1922 representam períodos de transformações pelos quais passava a sociedade e até a política da época. As instituições e os grupos sociais começam a definir melhor suas estruturas. No campo político, a República desenha-se como um jogo do poder em que o povo humilde ficava apenas na plateia sem ter direito a voz nem vez. O poder econômico era quem determinava o poder político. Desse modo, a República Velha (1894-

1930) foi dominada pelos proprietários rurais de São Paulo e Minas Gerais, o que se convencionou chamar de República “Café com Leite”. O cenário econômico, no entanto, começa a mudar com a industrialização, a qual estimulava cada vez mais a entrada de imigrantes no Brasil e acentuava ainda mais as desigualdades sociais com os negros e mulatos libertos, mas sem condições de vida digna. Nesse contexto, naturalmente ocorrem diversas revoltas em vários pontos do país. No sentido desses fatos, Martins e Ledo (2001, p.254) confirmam:

Ex-escravos, imigrantes e proletariado integram a camada menos favorecida da sociedade, ao contrário da classe conservadora, detentora de dinheiro e poder. Este quadro gera uma série de revoltas por várias regiões do país. Entre os acontecimentos estão: No Nordeste – fenômeno do cangaço, fanatismo religioso centrado na figura de Padre Cícero, guerra de Canudos; no Rio de Janeiro – revolta contra a vacina obrigatória contra a febre amarela e Revolta da Chibata; em São Paulo – greves operárias; no Sul – Guerra do Contestado.

Em meio a essa conturbada conjuntura histórica, alguns escritores que tradicionalmente ficaram reconhecidos como pré-modernistas produziram obras que, de certa forma, representam um avanço principalmente em relação a outras tendências, como a parnasiana e simbolista. Isso ocorre porque se passou a analisar, de modo mais crítico, a realidade social e política do Brasil. Lima Barreto, por exemplo, através de uma linguagem despojada, revelou as hipocrisias da sociedade e do mundo político da época.

Dentre os escritores dessa fase de transição denominada Pré-modernismo, um merece destaque, é óbvio sem desmerecer os outros, trata-se de Monteiro Lobato (1882-1948). Esse escritor, que até os dias atuais é considerado um dos maiores escritores

da literatura infantojuvenil, conseguiu colecionar, ao longo da sua vida e mesmo após a morte, algumas polêmicas que atravessam séculos. Em suas ideias, Lobato sempre defendeu uma nação forte e bem desenvolvida. Ele era de fato um nacionalista convicto. Defendeu, por exemplo, a existência e exploração do petróleo em terras brasileiras. Via, portanto, no Brasil um potencial enorme de se desenvolver uma rica e poderosa nação.

Nesse contexto de homem nacionalista, surgem ideologias étnicas e raciais que refletiram em suas obras, as quais na contemporaneidade geram as polêmicas indagações: Monteiro Lobato foi um escritor racista? Existem obras de Monteiro Lobato que revelam de maneira incontestável a postura racista do escritor? É evidente que se falar em racismo em literatura e ainda mais em relação a um escritor renomado e aplaudido pela crítica pode até ser interpretado como uma heresia. No entanto, é oportuno analisar os fatos como são e assim, aos poucos, ir revelando as incontáveis hipocrisias que constitui a sociedade brasileira ao longo de séculos.

O começo da infância do polêmico escritor encontra-se ainda no período da escravidão enquanto o restante da fase pueril e da adolescência já presenciava a pós-escravidão. É justamente na época posterior à escravidão que o pensamento racista é disseminado como um resquício da ideologia na qual o negro era inferior ao branco e que, por isso, não poderia ter o mesmo lugar na sociedade. Portanto, é inegável o fato de que Monteiro Lobato viveu em sociedade extremamente discriminatória, em que o negro seria sempre colocado como ser humano de segunda classe. Assim, o caso da ideologia racista no escritor Monteiro Lobato é decerto muito controverso já que a presença da figura negra em suas obras é recorrente. A

questão é: com que intenção o negro aparece na obra de Lobato? Para incluir ou excluir? Para defender ou discriminar? A crítica literária não apresenta uma ideia consensual acerca desse assunto. Daí surgem celeumas que o texto literário, por sua múltipla interpretação, tende a tornar quase que eternas.

Com isso, para se ter uma visão mais objetiva de uma possível ideologia racista em Lobato é conveniente analisar um pouco da biografia do escritor e as ideias que defendeu. A vida do famoso escritor revela o seu pensamento progressista e de luta por uma sociedade mais culta e desenvolvida economicamente. Nesse sentido, que papel as pessoas de pele negra teriam na sociedade? A história de Lobato mostra que ele não via o negro como modelo para se construir uma nação progressiva. Ele era adepto da eugenia – ideologia que defendia o melhoramento racial para se formar nações mais “fortes” e “geneticamente mais capazes”. Em outras palavras, usava-se o estudo científico para afirmar que uma raça seria superior à outra. É algo semelhante ao feito no horrível período nazista. Quanto a isso, Nigri (2011, p.28) afirma:

Uma ideia unia Monteiro Lobato, Renato Kehl e Arthur Neiva. Os três eram adeptos de um conceito esdrúxulo chamado eugenia. A ideia, surgida na França na metade do século 19 e sistematizada pelo médico François Galton, era definida pelo próprio como ‘o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer qualidades raciais das futuras gerações, física ou mentalmente’ – e na prática representava, entre outras coisas, uma exaltação da superioridade da raça ‘branca’ em relação às outras. Ou seja, racismo. Nas primeiras décadas do século 20, a eugenia ganhou status de ciência. Renato Kehl era um dos principais estudiosos do tema no Brasil. Redigiu uma vasta obra defendendo os princípios eugênicos. Foi por iniciativa dele que foi criada, em

1918, a Sociedade Eugênica de São Paulo. Em sua obra, ele defendeu princípios como a proibição de imigrantes que não fossem de raça branca e esterilização de pessoas que, em sua ótica, apresentassem ‘problemas físicos ou mentais’.

A aproximação de Monteiro Lobato com o pensamento eugênico traduz bem uma visão discriminatória no tocante à raça negra, pois se tinha a ideia de que “biologicamente” o negro era inferior ao branco, isto é, pela própria natureza genética existia uma raça superior (a branca) e esta é a que deveria prevalecer. Nessa conjuntura, existia um verdadeiro projeto de mudança racial no Brasil que se concretizaria com o “embranquecimento” da população. O escritor e cientista Renato Kehl, a quem Monteiro Lobato admirava e coadunava com as ideias, chegou a propor um processo de esterilização da população negra no sentido de conseguir um melhoramento racial no Brasil, ou seja, seria a realização na prática da absurda teoria eugênica. O que é mais chocante até para os que pregam um Lobato desprovido de qualquer racismo é que, em algumas cartas comprovadamente do escritor, ficam revelados de modo cabal a concordância e o desejo da concretização do pensamento eugênico. O que se diz é comprovado por Nigri (2011, p.28-29):

A correspondência de Monteiro Lobato mostra que, no fim dos anos 20, ele foi um entusiasta das ideias eugênicas e da obra de Renato Kehl. A primeira carta do escritor ao cientista data de 1918 e, nela, Lobato diz: ‘Lamento só agora travar conhecimento com um espírito tão brilhante como o seu’. No mesmo ano, Lobato convidou Kehl para escrever o prefácio de seu livro *O Problema Vital*, uma coletânea de artigos do escritor publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*. O entusiasmo de Lobato pela obra do cientista só aumentou na década seguinte, em que Kehl deu uma virada em seu pensamento ao

abraçar radicalmente os princípios da eugenia negativa. Em 1921, Kehl publicou um artigo chamado *A Esterilização sob o ponto de vista Eugênico*, no qual defende a prática como ‘um auxiliar poderoso da redução dos degenerados’. Para Lobato, em carta de 9 de outubro de 1929, Renato Kehl era ‘um D. Quixote científico (...) a pregar para uma legião de panças’ (gíria que, nos anos 20, significava pessoas ignorantes).

Diante de fatos cuja veracidade é comprovada por documentos incontestáveis, a confirmação de que a ideologia racista teimava em configurar na mente do mais prestigiado escritor infantojuvenil brasileiro aparece agora com maior vivacidade. É difícil para a crítica literária e o sistema cultural brasileiro, tão apegado a “ídolos”, reconhecer a possibilidade de disseminação de preconceitos por intermédio de escritores ainda mais quando são considerados cânones. Todavia, é oportuno perceber que o escritor pode sofrer influências de seu tempo e através da sua arte transmitir, mesmo que de modo subtendido, as ideologias apreendidas. Lobato, além de deixar implícito certo racismo em sua obra, tem em sua biografia posturas que põem por terra a ideia daqueles que postulam um escritor que faz apenas uma denúncia do sofrimento dos negros pós-escravidão. Em uma das cartas de Lobato dirigida a Arthur Neiva, maior expoente da teoria eugênica na Bahia, fica patente o pensamento racista do escritor. Nigri (2011, p.31) mostra essa realidade:

Escreve Lobato a Neiva, em 1938: ‘Um dia se fará justiça ao Ku-Klux-Klan; tivéssemos aí uma defesa dessa ordem, que mantém o negro no seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca-mulatinho fazendo jogo de galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva.

Essa ideia de que o negro não teria as

mesmas qualidades e/ou potencial do homem branco não pode deixar de ser vista como o mais puro racismo. Nesse caso, não vale a desculpa de que se vive em outra época e que no tempo do referido escritor a ideia não era bem essa de discriminação. Mesmo que a obra de Lobato ainda deixe dúvidas que alimentam controvérsias acerca da presença do racismo ou não, as declarações feitas por ele perpassam o tempo e parecem ser categóricas quanto ao fato de que o negro era inferior e, por isso, seria um empecilho para o progresso de qualquer nação. Se isso tudo não for constatação de uma ideologia racista, é porque os fatos verídicos valem menos que argumentos falaciosos, o que a propósito é uma prática usual em terras brasileiras.

Análise do conto “Negrinha” (1920) de Monteiro Lobato: revelando ideologias racistas

A figura do negro é presença constante na obra do escritor Monteiro Lobato. Da literatura infantil à destinada ao público adulto, os personagens de pele negra sempre tiveram espaço e até alguns foram protagonistas, mesmo que de modo pouco valoroso ou heroico. O conto “Negrinha”, publicado em 1920, é uma das oportunidades em que se coloca em cena a realidade social do negro no período pós-escravidão.

Não existe dúvida do veemente realismo que o escritor põe na imagem da personagem “Negrinha” e no tocante aos fatos difíceis de uma vida vítima do mais cruel e perverso racismo. Diante disso, críticos literários podem dizer que o conto “Negrinha” (1920) é uma prova cabal de que em Lobato transborda a veracidade e que as suspeitas de ideologia racista não passam de calúnias ou um grande mal-entendido. Todavia,

é necessário considerar que a denúncia da realidade não significa necessariamente a completa isenção de ideias e/ou projetos ideológicos subjacentes.

Independente da biografia do escritor, a própria obra é o elemento essencial que pode oferecer indícios das ideias pretendidas pelo autor. No tocante ao conto supracitado, pode-se iniciar a análise pelo próprio título do texto (“Negrinha”). Sabe-se que algumas expressões linguísticas são usadas intencionalmente como forma de disseminar preconceitos, pois estão carregados de sentido negativo e/ou pejorativo. É o caso da palavra “negrinha” (diminutivo de “negro”) que na tradição semântica é uma forma de rebaixar a pessoa. Não é à toa que até na contemporaneidade o uso do vocábulo negro pode ser interpretado como prática racista. Com isso, alguns até preferem usar a palavra “moreno” como se aliviasse o sentido negativo histórico trazido pela palavra “negro”. Câmara Cascudo (2002, p.46-47), numa pesquisa sobre a presença da África na formação do povo e da cultura brasileira, escreve:

O Padre Antônio Brásio, s. Sp. (Os Pretos em Portugal, Lisboa, 1944) distingue o tratamento: ‘Nós preferimos preto, mais simpático, pois negro é sinônimo de escravo, termo injurioso’. Pelo Brasil a provocação depende do timbre, na entonação e ausência do possessivo. Negro! é agressivo. Meu negro! é um afago. Respondiam: Sou negro, mas não sou da sua cozinha! Branco é quem bem procede. Negro na cor, branco nas ações. Negro por fora, homem por dentro!

No conto “Negrinha”, Lobato apresenta a figura de uma menina de pele escura numa condição de vida desumana, como se pagasse um castigo devido à cor da sua pele. Nesse sentido, o autor coloca ênfase na questão da cor: “Negrinha era uma pobre órfã de 7 anos. Preta? Não; fusca, mulatinha-escura,

de cabelos ruços e olhos assustados” (Lobato, 2008, p.19). A personagem Negrinha, que nem sequer teve o direito de ter um nome além daquele que tinha a função de discriminá-la, simboliza bem a realidade de vida dos escravos recém-libertos, isto é, uma época em que muitos sofriam com o preconceito racial. Negrinha sofre de maneira violenta devido à discriminação feita pela sociedade: “(...) e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos” (Lobato, 2008, p.19). Veja-se que a criança negra é descrita com sua bárbara realidade cujo tratamento recebido não condiz com a dignidade do ser humano. Nesse contexto, surge a figura da patroa, ex-senhora de escravos que sentia saudades do tempo da escravidão, a Dona Inácia. Essa personagem que representa a elite social preconceituosa é descrita de maneira dúbia pelo narrador lobatiano:

“Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar) ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em suma – ‘dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral’, dizia o reverendo” (Lobato, 2008, p.19).

No decorrer da narrativa, evidencia-se a postura racista que a Dona Inácia tem em relação à personagem Negrinha, a ponto de realizar maus tratos terríveis. O autor, no entanto, faz o jogo da ironia e, assim, não deixa absolutamente clara a sua posição em relação a essa prática racista. Fica, portanto, implícito o seguinte: Lobato faz uma crítica à sociedade racista da época ou no fundo compartilhava com tais ideias que não podiam ser ditas diretamente e, desse modo,

a literatura servia como “válvula de escape”? Essa dúvida pode nutrir controvérsias, o que é natural no campo de múltiplas leituras da Literatura. O que também merece um parêntese nessa discussão é a postura histórica da Igreja Católica em relação ao período da escravidão e da pós-escravidão. Na verdade, não é de hoje que essa instituição costuma fazer o que vulgarmente se denomina “jogar a sujeira por debaixo do tapete”, ou seja, a Igreja historicamente foi amiga dos ricos e omissa e/ou conivente em relação a causas sociais justas, como o caso da abolição da escravatura e a conquista de uma vida digna para ex-escravos. É sabido o seguinte:

No Brasil, nem o pensamento abolicionista se baseou na religião, nem a Igreja Católica se empenhou na causa. Pelo contrário, padres e ordens religiosas eram coniventes e cúmplices da escravidão. A Bíblia, argumentava-se, não proibia a escravidão e afinal, o que importava era a liberdade da alma livre do pecado, e não a liberdade civil. Além disso, padres eram empregados do Estado, cujos interesses tinham dificuldade em contrariar (Carvalho, 2008, p.16).

Percebe-se logo que a conjuntura social da época pós-escravidão era desfavorável à constituição de uma dignidade humana para o povo trazido da África. Em “Negrinha”, é visível que a ex-dona de escravos possuía o aval da sociedade e até a benção da Igreja para colocar o indivíduo negro em um lugar não muito distante daquele vivido na escravidão. Nesse sentido, o autor relata a maneira desumana como a criança negra era tratada:

Assim cresceu Negrinha – magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos 4 anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo

ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretexto de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta. – Sentadinha aí, e bico, hein? Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas (Lobato, 2008, p. 20).

Fica nítido o fato de que Lobato expõe sem pudor uma das facetas negativas da sociedade brasileira. Em outras palavras, o referido autor estava antenado com a realidade da sua época ao usar a literatura para representar o que se passava no tocante à questão racial. Entretanto, é lógico que apresentar uma realidade não o credencia como defensor de uma causa contra a discriminação racial. Na verdade, o autor não deixa claro se condena com veemência as atitudes de Dona Inácia. Palavras elogiosas são ditas em relação à ex-dona de escravo como também é revelado seu pensamento racista oriundo do escravismo. Tudo isso é feito de modo sutil como se o leitor ficasse na eterna dúvida em relação às intenções do escritor:

A excelente Dona Inácia era mestre na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos – e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia [...] O 13 de maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana (Lobato, 2008, p. 21).

Assim, o ambiente literário na sua condição de subentendido traz a possibilidade de o escritor não expor de maneira manifesta as suas ideologias, ou seja, “atrás dessa ilusão paternalista infligida, inclusive, pela Literatura, está o preconceito, que é realmente um comprometimento ideológico que existe de forma sutil e que não deixa de ser um fenômeno cultural intrínseco, de fundo inegavelmente racial” (Silva, 1987, p.74-75). É nessa

lógica que o texto literário enquanto mídia da época não seria usado de forma escancarada para defender o racismo, pois não é próprio da arte expor por completo os sentimentos, desejos e ideias do artista. Contudo, Lobato não deixa de tornar público a realidade cruel de uma criança descendente de escravos que sofria com a condescendência da sociedade da época, como é visto em:

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nos dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gosto de dor!) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: o miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões à uma –divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para ‘doer fino’ nada melhor! (Lobato, 2008, p. 21).

É percebido que o narrador lobatiano descreve os castigos sofridos pela personagem Negrinha de modo vivaz ou até como um espetáculo de horror cuja plateia é a própria sociedade racista que achava certo e ainda aplaudia as atitudes discriminatórias da ex-senhora de escravos. A vítima do martírio parece cumprir sua sina como uma condenada que paga uma culpa que a elite branca lhe imputa: a origem africana e a pele negra. Nesse sentido, o autor permanece, mais uma vez, implícito no tocante ao seu ponto de vista. Não existe claramente um engajamento na defesa de nenhuma causa dos negros.

No decorrer da narrativa, o autor coloca em cena uma contraposição racial em relação à personagem “Negrinha”: meninas brancas. O surgimento de duas meninas brancas representa uma reviravolta na triste vida da protagonista. A pele branca, nesse caso, faz referência à beleza e ao divino,

ou seja, ideia posta como oposta ao que se pensava acerca da cor negra. A própria personagem Negrinha fica “encantada” com as meninas que pareciam “anjos”. Nesse ponto, é como se o indivíduo introduzisse em sua mente a consciência de uma suposta inferioridade racial. Isso é percebível na seguinte passagem:

Certo dezembro, vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas. Do seu canto na sala do trono Negrinha viu-se irromperem pela casa como dois anjos do céu – alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos o raio dum castigo tremendo. Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também...Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado – e findo o seu inferno – e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos. Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos o som cruel de dois dias: ‘Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga?’ (LOBATO, 2008, p.23).

A presença de crianças brancas parecia simbolizar para “Negrinha” o momento de admiração e até de prazer, pois se via que crianças podiam brincar e, assim, exteriorizar sua natureza infantil. A cor da pele era, desse modo, o único empecilho que impedia a personagem protagonista de um simples ato de sorriso, ou seja, era o “eterno castigo” que estava submetida a aceitar. A patroa deixava claro que brancos e negros ocupavam lugares bastante distintos. A menina negra não poderia compartilhar das mesmas coisas de crianças brancas. Todavia, como um súbito ato de “generosidade”, foi permitido que as “raças diferentes” convivessem harmoniosamente através de brincadeiras in-

fantis, as quais ainda guardam um pouco da inocência humana, como é visto no trecho:

(...) o que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo – estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida: Vão toda brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá hein? Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu. Se alguma vez a gratidão sorriu na vida, foi naquela surrada carinha... Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma – na princesinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo (LOBATO, 2008, p. 24-25).

O contato de “Negrinha” com o mundo infantil dos brancos desperta uma sensação nova de surpresa e de alegria. Um simples brinquedo como uma boneca transmitia à personagem algo de supprime e prazeroso: a compreensão de que ela era humana como qualquer menina branca. Assim, “Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa – e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!” (Lobato, 2008, p. 25). Nesse sentido, com o despertar da consciência, “Negrinha” deveria mudar de vida ou não teria mais vida. A segunda opção foi o destino predeterminado. Negrinha é uma protagonista que não tem um fim heroico. A saída de cena das meninas louras com a boneca conclui o desfecho já programado. A personagem negra morre, já que a falta de sentido para a vida dilacera a alma e, por consequência, o corpo falece:

(...) morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentiu-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça – abraçada, rodopiada. Veio a tontura; uma névoa envolveu

tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta (LOBATO, 2008, p. 25).

A morte de “Negrinha” é um fim que não deve apenas ser interpretado como uma forma de tornar chocante a realidade do negro na sociedade. O outro viés que precisa ser analisado é a compreensão ideológica subentendida do autor de que, por pertencer a uma “raça inferior”, Negrinha não pôde resistir à pressão psicológica e, assim, teve a vida ceifada como uma seleção natural em que os mais “fracos” são excluídos para ceder espaço para os mais “fortes”. Não é à toa que na narrativa se diz: “A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira – uma miséria... (Lobato, 2008, p.26)”. A visão eugênica do autor, na qual o “melhoramento da raça” da nação brasileira passava longe da presença dos negros, pode ser inferida por meio do triste desenlace da narrativa. É óbvio que o texto literário, pela sua natureza subentendida, deixa lacunas para polêmicas infundáveis, mas a maneira como o conto é construído faz com que o leitor mais atento e quiçá menos alienado possa deduzir interesses e/ou ideias não tão nobres em um escritor que para alguns está acima de qualquer suspeita.

A visão eugênica do autor trazia em seu bojo a ideia de raças inferiores que não seriam adequadas ao progresso de uma nação. Nesse sentido, o “melhoramento da raça” no Brasil passava, no pensamento do escritor, longe da presença dos negros com status de seres humanos aptos para ascender na sociedade.

Considerações finais

A existência da prática racista como um fenômeno social e ideológico firmou-se ao longo dos tempos e resultou num processo

de discriminação racial no qual as pessoas de pele negra sofreram terríveis ultrajes e boicotes. Subjacente a isso, tudo havia um projeto da sociedade elitista e ex-escravista de impedir a ascensão social do negro e, assim, pô-lo à margem como uma ratificação do preconceito.

Nessa conjuntura, instrumentos diversos puderam ser usados para propagar a ideologia racista. Dessa forma, a literatura como uma espécie de mídia no período pós-escravidão pôde ser objeto de divulgação de ideias repletas de racismo. Portanto, confirma-se que a relação entre a literatura e o racismo se realiza historicamente, pois se trata do reflexo no texto literário das ideologias dominantes da sociedade. Não é insólito que o escritor, por exemplo, sofra influência da sociedade que de alguma forma contribui para a formação da consciência do mesmo.

Diante dessa realidade, analisa-se um caso específico da presença do racismo na literatura: a obra “Negrinha” (1920), de Monteiro Lobato. Nesse conto, o escritor conseguiu imprimir um caráter peculiar da literatura – a sutileza e o implícito. Isso ocorre porque o autor não expõe de maneira direta um pensamento racista, mas sim aparenta apenas relatar uma denúncia das péssimas condições de vida dos negros após o fim da escravidão. A personagem Negrinha é posta em cena para retratar a dura realidade do negro numa sociedade ainda muito preconceituosa no tocante à raça. E não por mera coincidência, na contemporaneidade, persiste um preconceito racial velado que pode ser evidenciado pelo modo estereotipado que a figura do negro é posta no contexto da mídia.

Não obstante, o modo subentendido de tratar a questão do negro na sociedade é possível perceber indícios de racismo na

obra supracitada que para alguns poderia ser a redenção de Lobato quanto à acusação de racismo. Em “Negrinha” (1920), a visão racista parece ser revelada com a forma pejorativa e depreciativa como a personagem é descrita. Durante toda a narrativa, a menina negra é vista numa relação de inferioridade no tocante às pessoas de pele branca. Algo também de chocante é o desfecho da história no qual a personagem morre por não conseguir se adaptar no “mundo dos brancos”. Nesse caso, pode-se entender a revelação de uma ideologia marcante na vida do escritor Monteiro Lobato: a eugenia. Esse pensamento defendia a necessidade de um melhoramento genético na sociedade. O negro, nessa conjuntura, não era visto como uma raça de qualidades tão boas quando comparadas ao branco.

Assim, a ideologia eugênica de certa forma difundia também um pensamento extremamente racista. As dúvidas acerca do racismo no escritor Monteiro Lobato são, desse modo, aos poucos sanadas não só pela sua biografia que nesse sentido é comprometedora, mas também pelo conteúdo e pelas expressões linguísticas de seu texto literário, como é o caso do conto “Negrinha” (1920). É certo que controvérsias sobre um assunto tão polêmico sempre existirão. No entanto, o que não se deve perder é a postura crítica de analisar “as verdades” dos fatos e, de alguma forma, contribuir para desvendar as hipocrisias da sociedade.

A literatura cumpre, assim, um papel de ordem social e artística. O teor de função para a sociedade é concretizado através das discussões que o texto literário pode trazer para a vida. A questão da arte é o cerne do texto literário já que este é construído fundamentalmente por meio da linguagem tomada de modo subjetivo e implícito. Portanto, a literatura não deixa de ser uma arte

que traz um olhar revelador sobre a realidade social.

Referências

CARVALHO, J. M. **Em nome de Deus**. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ano 3, nº 32, p.16, maio 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Made in África**. 4.ed. São Paulo: Global, 2002.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Preconceito de cor e racismo no Brasil**. Revista de Antropologia. Vol. 47. Nº 1, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012004000100001>. Acesso em 02 out. 2012.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Global, 2004.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. 1.ed. São Paulo: Globo, 2008.

LOPES, N. **A Cor da Cultura**. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ano 3, nº 32, p.22, maio 2008.

NIGRI, A. **Monteiro Lobato e o Racismo**. Revista Bravonline, Rio de Janeiro, p. 28-31, maio 2011. Disponível em: <http://www.bravonline.com.br> (05/2011). Acesso em: 02 out. 2012.

LEDO, Terezinha de Oliveira; MARTINS, Patrícia. **Manual brasileira: literatura portuguesa, literatura brasileira**. São Paulo: DCL, 2001.

SHWARCZ, L. M. **A santa e a dádiva**. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ano 3, nº 32, p. 20, maio 2008.

SILVA, Martiniano J. **Racismo à brasileira: raízes históricas**. Brasília:Thesaurus, 1987.

Recebido em: 05/07/2022
Aprovado em: 14/09/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.